



23/30

Coimbra

JORNAL DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
ANO II 17 DE FEVEREIRO DE 1935 N.º 11
PREÇO 1 ESCUDO

Redacção e Administração
Associação Académica de Coimbra

Direcção e propriedade de
Jorge de Moraes e António Cruz (editor)

Composto e Impresso na
Casa Minerva — Coimbra

Cidade Universitária

O problema da Cidade Universitária necessita de uma rápida e eficiente solução. Coimbra, jornal de estudantes, tem pugnado sempre, dentro das suas possibilidades, pela defesa dos interesses e das justas reivindicações da classe a que pertence. E, até hoje, cremos que não existem quaisquer divergências entre o desejo da academia coimbrã e a orientação que este jornal tem seguido. No cumprimento da nossa missão — lutando com dificuldades de toda a ordem —, um único e humilde desejo nos guia: o desejo de bem servir.

Por isso, foi para nós consoladora a notícia de que, dentro em breve, vai ser construída em Coimbra uma Cidade Universitária. Não são ainda de nós conhecidas as directrizes dessa construção. Não sabemos mesmo se ela vem cabalmente resolver o problema. O que nós queremos, neste momento, salientar é a importancia do facto.

Todos conhecem as péssimas condições higiénicas em que vive o estudante em Coimbra: falta de casas saudáveis, com más instalações, ausência de campos de jogos e balneários suficientes para toda a população escolar, sem uma assistência médica bem organizada. Todas estas coisas—hoje, mais do que nunca, absolutamente indispensáveis—são já património colectivo em universidades estrangeiras. Algumas dessas realizações são, indiscutivelmente, modelares. A nossa organização escolar, em face desses factos, constitue—sincera e infelizmente o dizemos—um verdadeiro e deprimente exemplo de desinteresse por um problema que, desde há muito, necessita de solução.

Foi já organizada uma comissão dirigente, sob a presidência do ilustre professor da nossa Universidade, sr. Doutor Luiz Carrisso. Essa comissão já começou os seus trabalhos. Resta-nos agora aguardar os seus resultados.

Confiamos na proficiência dos homens a quem foi dada essa missão. E desta humilde tribuna desejamos que a obra não seja como tantas outras que não passam do projecto, e realize, eficazmente, o fim para que foi criada.

São estes os nossos votos.

VEIGA Pinto, Filipe dos Santos e Isabelinha, são três rapazes que estão no fim do seu curso e que durante toda a sua vida de estudantes contribuíram com o seu valiosíssimo esforço e duma forma denodada para o engrandecimento do grupo de Honra da Associação Académica onde sempre alinharam com o maior brilhantismo. Porque a contribuição emprestada ao seu grupo reverte em prol do prestígio da nossa Academia, aqui lhes prestamos as nossas homenagens.

COM um brilho invulgar realizou, na passada 2.ª feira, no Salão Nobre da Associação Académica, a sua anunciada conferência, subordinada ao título «Universidades», o sr. Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, professor insigne da Faculdade de Ciências desta Universidade. O orador focou varios aspectos do problema da instrução por forma bem digna duma mentalidade superiormente formada e duma intelligencia fulgurante. Presidiu o sr. Reitor da Universidade que dirigiu ao conferente palavras de merecido louvor. Por nosso lado felicitamos a direcção da Associação Académica por ter iniciado com o máximo brilho a série de conferências que se propõe promover, escolhendo com tanta felicidade, para a iniciar, o nome do sr. Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho.

PORQUE se impunha, segundo uma nota vinda a público, a redução das algumas despesas extraordinárias que sobrecarregavam o seu orçamento, os Serviços Municipali-

zados deixaram de fornecer a energia eléctrica destinada a iluminar a torre da nossa Universidade.

Lamentamos deveras o facto. E' certo e sabido que a torre da Alma mater, iluminada durante a noite, dominava a colina onde assenta o burgo universitário, constituindo o melhor cartaz—suspenso de propaganda de Coimbra. Quem viajava no caminho de ferro, depois de transportar as trevas do arvoredo do Choupal, via a torre da Universidade, — e não mais esquecia esse espectáculo surpreendente. A prejudicada, pois, foi a cidade. Tanto mais para lamentar...

AQUELA pobre e abandonada Alameda de Cavões e aquele esquecido terreiro fronteiro ao edificio da Faculdade de Letras —, ofereceram todos os dias o mesmo aspecto desolador. A primeira é hoje um recinto destinado às correrias e jogos do rapasio. O segundo presta-se admiravelmente à cultura de ervas daninhas. E até quando?

CHEGAM aos nossos ouvidos comentários que, por serem justos, não podemos deixar de sublinhar. E' o caso de alguns senhores quartanistas da nossa Universidade, atacados duma doença a que vulgarmente se chama parvoíce, usarem grêlo à futrica. Isso faz-se em Lisboa e no Porto; Em Coimbra, porém, nunca pensamos que se viesse a fazer.

Ponham um letreiro, senhores, ponham um letreiro na testa para que ninguém duvide que são doutores!...

RUI CUNHA

Dedicando este número ao simpático avançado-centro do grupo de honra da Associação Académica, insubstituível no difficil lugar que ocupa, COIMBRA tem apenas em vista apontar às entidades dirigentes do «foot-ball» português a imperiosa necessidade de incluir Rui Cunha na selecção nacional, para honra e prestígio do nosso desporto.

Como jornal de estudantes, COIMBRA interpreta, neste momento, o sentir de toda a Academia de Coimbra.

A Orchidea

— DE —

José Joaquim da Cunha Melo



FABRICA DE COROAS
FLORES ARTIFICIAIS
E APRESTOS PARA
AS MESMÁS.

Telefone 4078



94 - RUA DAS FLORES - 102
PORTO

Em Lisboa o Hotel preferido pelos
estudantes de Coimbra é o

Suisso Atlantico Hotel

Cosinha higiénica
Quartos esplendidos

Preços especiais
para excuções

RUA DA GLÓRIA, 3
LISBOA

Farmacia do Castelo COIMBRA

Deposito de instrumentos
e mobiliário cirurgicos
Aparelhos de electricidade médica
Vidraria para Laboratorios Marca "Palex"

Preços de absoluta concorrencia
com as casas de Lisboa e Porto

LOJA DAS MEIAS

— DE —

J. LOPES DE CARVALHO

102, Rua Ferreira Borges, 106
COIMBRA

Grandes Saldos de Malha, Peugas, Meias, Camisaria
e Gravataria



O melhor sortido aos mais baixos preços

Bilhares VITORIA

FABRICA DE BILHARES DE PRECISAO

A mais importante Fábrica do País (no género)

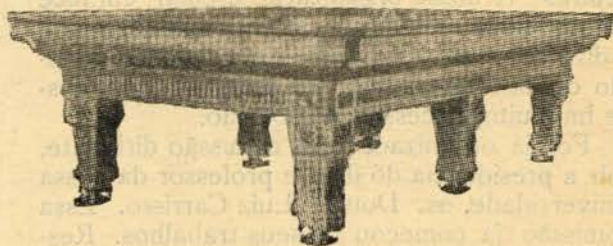


RUA DA VITÓRIA, 90 A 96

PORTO

Telefone 2756

PORTUUAL



AGÊNCIA EM LISBOA:

V.º Antonio Fusrtnau

134 Rua dos Douradores, 2.º, E.

Telefone 20996

GOETHE E SPINOZA

por CARLOS BRANDT

(Continuação)

Spinoza levantou o homem da abjecção a que a superstição bíblica o havia arrastado, para elevá-lo à categoria divina. O estilo árido, matemático e, por isso, nada atraente usado pelo filósofo, eis o motivo por que tão bela ideia permaneceu oculta, desconhecida quasi, correndo assiu o risco de desaparecer, como se apaga a chama duma lâmpada na qual não se põe azeite. E' aqui que começa a obra do poeta de Weimar que, ao acender o seu luminoso fanal na luz da ideia panteísta, fez com que esta resplandecesse por todas as gerações, para dêsse modo cumprir a sua missão redentora. Com razão a justiceira mentalidade de Matthew Arnold reconhece em Goethe «o primeiro dos grandes pensadores que deu a conhecer ao mundo a verdade da filosofia de Spinoza».

A-pesar do seu optimismo, Spinoza, como todo o redentor, devia ter seus momentos de amargo desconsólo. O seu discípulo Lucas diz-nos ter ouvido esta exclamação dos próprios lábios do mestre: «dediquei tóda a minha vida a escrever coisas que talvez ninguém venha a compreender...» O filósofo sabia que estava na verdade, mas compreendia também que o seu estilo matemático era um prejuízo para que essa verdade se pudesse mostrar a tóda a gente. Coube a Goethe ser o primeiro instrumento da ideia panteísta, através dos tempos, para poder brilhar com maior fulgôr, impondo-se assim às gerações pensantes. A missão do poeta foi unificar essa ideia, enfeitá-la o melhor possível, tornando-a assim mais atraente à imaginação popular. Nêsse sentido, o autor do *Fausto* ocupará sempre um lugar assinalado ao tratar-se da redenção da humanidade...

Goethe e Spinoza foram dois polos opostos no carácter; mas dois polos que só tiveram que pôr-se em contacto para produzir a fásca eléctrica que há-de iluminar o caminho da verdade à humanidade futura.

Jorge Santayana — filósofo moderno, de maior aprêço ainda, como crítico — ao analisar os três maiores poemas filosóficos: *De natura rerum*, *A Divina Comédia* e o *Fausto*, chega à conclusão de que «... cada um representa uma época distinta na história, e nos três está condensada tóda a filosofia europeia». Lucrécio é o poeta da Natureza; Dante o da Teologia, e Goethe o da Vida. A superioridade de cada um dêles deverá ser sempre considerada de acôrdo com o respectivo conceito filosófico de quem os ulgue.

O primeiro representa a antiga Grécia, o *optimismo ingénuo*, que era então norma de toda a vida pagã. O segundo representa a pessimista Idade-Média, a Teologia, que era, ao mesmo tempo, a ciência e a filosofia daquela época. O terceiro representa a idade futura, o *optimismo consciente*, que tudo quere explicar.

O romano Lucrécio foi o melhor expoente, em poesia, que tem tido o *monismo* antigo. O seu poema é um livro optimista entoado à Natureza, à ciência, aos átomos, às esféras, e também a seu mestre Epicuro: o moralista que se distinguiu principalmente pela piedade, por seus sentimentos de amizade e pelo horror que tinha às guerras, à violência e a toda a espécie de sacrificios e de sofrimentos.

(Continuará)

RECORDAR É VIVER

Naquela manhã a aragem fresca do mar, atravessando, apressada, a janela aberta do meu quarto numa semcerimónia de amigo íntimo, despertou-me cedo.

Eu tinha chegado na véspera à praia e, a-pesar-de me ter deitado já depois da meia-noite, não resisti ao agradável convite de tão matutina visita e, deixando o leito imediatamente, lancei-me num pequeno bote ás delícias dum passeio na ria da Costa-Nova.

Deviam os relógios andar à roda das nove horas quando larguei o barco e me dispus a ir até ao mar assistir à saída das redes dos pescadores.

No caminho saí-me casualmente ao encontro um amigo que, depois dos habituais cumprimentos, me disparou à queima-roupa a sensacional notícia:

— Tu, meu caro, acabas de chegar do esconderijo sensaborão das aldeias, não conheces, por certo, ainda o debatido caso do dia que te vou contar.

Pois não queres saber? Portugal e Argentina foram os únicos a discordar da entrada dos Russos na S. D. N.

E sabes por quê? Por causa da França nos últimos dias ter andado a piscar muito o olho ao Brasil.

E, ante a minha embasbacada expectativa, o meu noticiador continuou:

— «Um escândalo, um verdadeiro escândalo! A Argentina, que alimenta também uma discreta simpatia pelo Brasil, ao ver a atitude cobiçosa da França não encontrou outro remédio melhor à mão do que discordar da entrada dos Russos na S. D. N.

«E Portugal, que é íntimo amigo da Argentina e ainda parente do Brasil e não o deseja ver em bolandas, discordou também».

Eu, que me julgava ao par dos últimos acontecimentos internacionais, ante a parlenga do meu amigo, achava-me desorientado.

— «Mas há mais ainda e melhor — continuou êle: — A França então, instigada pelas suas amigas América e Arménia, corta imediatamente relações com Portugal e Argentina. Levanta-se uma barafunda medonha, os ares tomam um aspecto grave de trovada e, sem mais nem menos, resolve-se fechar definitivamente as portas da S. D. N.

«Um escândalo, meu amigo, um verdadeiro escândalo!»

E, estendendo-me a mão em despedida, desandou a sorrir:

— «Aparece à noite na Assembleia, que hoje deve haver baile. Logo entrarei então em minudências».

Eu estava surpreendido. Ter-se-iam efectivamente fechado as portas da S. D. N.?

Esperei, impaciente, a noite. E ás dez horas e meia encontrava-me na Assembleia, ao lado do meu amigo que gentilmente me apresentava os desconhecidos do salão:

— «Tenho o prazer de te apresentar a sr.^a D. Argentina Faria, D. Umbelina França, D. Arménia e D. América Pereira da Silva, D. Esperança Brasil e seu irmão Tomaz Brasil, D. Polónia e António Portugal».

Eu começava agora a decifrar a notícia alvoroçada que recebera de manhã.

E chamei à parte o meu amigo:

— «Só me falta saber, meu caro, o que é a S. D. N. e quem são os Russos».

(Continúa na pag 7).

Palhaço

Pequeno,
Serêno
Vim um dia a este mundo.

Tive medo dos homens
E das coisas,
E fiquei só com alma desgarrada...

Perdi-me,
Perdi-me,
Na loucura do Mundo!

Morreu-me a vida
Pre-concebida
Nas artes de Magia.

Oh! pateta do bombo!

Rasguei a terra
Que nos desterra
É semeiei grãos de loucura.

Bati às portas
A horas mortas
— E mais e mais me perdia...

«-- Olha o palhaço
E a tragédia da loucura!»

Eh! malandro,
Marca passo
E grita, grita e morre!

Ra-ta-plan!... plan!... plan! ..

Cão, cão, três vezes cão!... Olha o tambor
A rufar!...
— E' entrar! E' entrar!

Mas p'ra quê — ralé — p'ra quê?
Que querem os homens?

Loucura das loucuras:
Rir, rir, rir... até chorar!

Findou o espectáculo.

E agora!
— Sou Eu!
E a vida é um farrapo...

Eh! palhaço,
Já não queres gritar?

E o palhaço,
Só e nu!
— Ri, ri, ri, ri... até arrebentar!...

A PROPÓSITO DAS ESTAÇÕES

Diz-se que «da discussão nasce a luz». Pois, para mim, digo-o com franqueza, a discussão é mais um pretexto para passar-tempo do que meio para alcançar a suma ciência.

Discutir não é coisa de minha incondicional afeição. Não gosto de discutir.

Mas... gosto de assistir a uma discussão, em certos casos, quando o assunto em debate me interessa e quando os argumentadores não são falhos de senso. Confesso mesmo que um dos meus prazeres — se a isto se pode chamar prazer — é apresentar um tema a dois ou mais amigos reunidos e ouvir as suas opiniões; calo-me e, muito comodamente, deixo-me estar na posição de ouvinte. Foi o que fiz há pouco: três amigos, embiucados em montes de agasalhos, estávamos a palestrar. A dada altura disparei:

— Do que gostais mais: do verão ou do inverno?

— Prefiro o verão — disse um.

— Prefiro o inverno — replicou o outro.

— Porquê?

— Ora! Nem se pergunta — afirmou o primeiro —. Há lá nada melhor que o verão? Não há aulas, vou para a praia, espojo-me na areia, salto, faço «flirt»; divirto-me o mais possível e não ligo aos «books»!...

Só penso em «não pensar»! Proibo-me de raciocinar e deixo correr o marfim! Para não me maçar muito, passo os dias em fato de banho!

Queres melhor?

— Pois, para mim, não há coisa alguma como o inverno. Para não andar ao frio, meto-me em casa, embrulho-me em cobertores, isolo-me do mundo exterior e leio. Quando chove, deixo-me estar na dôce quietação do meu quarto, ouvindo o matraquear das gotas de água que se desprendem das beiras do telhado e caem sobre algum pedaço de lata.

Adoro o socêgo da meia noite de inverno quando me disponho a dormir...

* * *

É, na verdade, delicioso o verão!

É poético o inverno!

Qualquer dos meus amigos tem carradas de razão no que afirma, mas, — meu Deus! — quando me lembro das mósas do verão e das frieiras do inverno... suspiro pela primavera!

Também podia suspirar pelo outono, e só não o faço por me lembrar dum grande inconveniente dessa quadra: a segunda época de exames. E, antes que venha a necessitar dela, termino o artigo e a discussão para... ir estudar! Desculpem, sim?!

ASSIS PACHECO

O que diz Armando Sampaio

(Conclusão da pág. 4-5)

que êle pratique não o deixando ir além de suplente, há-de ter cabelos brancos sem a adquirir!...

Falta-lhe talvez o conhecimento dos companheiros? Está habituado à toada dos jogos da província, diferente da da capital? Mas essa toada adquiri-la-há, se continuar a ser convocado, para jogar no seu lugar e não a extremo como sucedeu a época passada...

Cá de longe faço os meus votos para que Rui trabalhe e se torne merecedor da sua inclusão na equipe nacional, onde, estou certo, saberá cumprir.

Deseja-lhe sinceramente isto e um exame feliz em anatomia o amigo de longa data:

A. SAMPAIO

RECORDAR É VIVER

(Conclusão da pág. 3)

E, entre risadas francas de satisfação, ouvi finalmente a última nota explicativa:

— «Os Russos são aqueles dois irmãos Esperança e Tomaz Brasil que te apresentei. São loiros, quasi ruços, como vês. A S. D. N. era um grupo que aqui organizei propositadamente. Era a Sociedade dos Namorados.

«Quando vim para a praia no princípio do mês, ao travar relações com tôda esta gente de nomes tão sugestivos que te acabei de apresentar, nasceu-me logo a idea, quanto a mim feliz, de criar uma S. D. N.

«Este casual encontro na praia de nomes de tantas nações não era para desperdiçar.

Consegui organizar esta sociedade que te descrevi. Não durou muito tempo porque questões amorosas particulares (como em semelhantes casos sempre acontece) levantaram depressa a discórdia entre os seus membros.

«Resta-me a consolação de poder recordar pela vida fóra estas agradáveis peripécias que a mocidade sempre nos prodigaliza afavelmente».

Coimbra.

SEABRA DENIS

Arnaut Ferreira

ENCADERNADOR

Pastas de luxo Pastas de calf

Vendas de pastas e fitas para todas as Faculdades

Rua Borges Carneiro, 5-7

CINEMAS

AVENIDA

Hoje, 17

Os Miseraveis

(Primeira jornada)

De 2.^a feira, 18 até 5.^a feira, 21

Os Miseraveis

(segunda e terceira jornadas)

SOUSA BASTOS

Hoje, 17

A Noiva da Escocia

O Mundo é meu

Dias 21 e 22

Cavalgada da Morte

Beijos de Verónica

A Livraria Atlantida

Fornece toda a Academia

Os seus preços e a seleção dos livros que apresenta constituem o seu melhor reclamo

A APARECER:

DISCURSOS

DO

DOUTOR

OLIVEIRA SALAZAR

Pedidos à

COIMBRA EDITORA L.^{DA}

COIMBRA

Sabonetes e Perfumarias

USANDO

NALLY

USA BOM

A

Farmácia Luciano & Matos

E A

Drogaria Central

Teem em stock todos estes artigos

Uma nota sobre Camilo

Nas minhas constantes peregrinações através de páginas dedicadas ao torturado de Seide, não topei ainda qualquer uma que dedicasse atenção às palavras que o Mestre colocou, á guisa de intróito, no limiar do *Anathema*, o seu primeiro romance. Pois essas palavras bem merecem uma demorada análise, que não cabe nos âmbitos desta ligeira e rápida nota. Alinhavam-se, porém, as tessituras gerais: em futuro ensaio, será esta nota desenvolvida e explanada.

Em 1851, imprimia-se na tipografia de Faria Guimarães, do Porto, o primeiro romance de Camilo, — um volume in-8° de 314 páginas. O Mestre estreia a-se em obra de tomo. E, manda a verdade que se diga, a estreia era, de facto, auspiciosa e de molde a lançar definitivamente o jovem escritor — como se diria, nos tempos que correm, em crítica de qualquer jornal...

Logo de entrada, Camilo, o eterno revoltado contra tudo e contra todos, — *meu pae, minha avó materna e duas minhas tias morreram doidas* (1) confessava êle... — definia qual a sua ideia, mostrava a sua posição: « Não queremos enviezar amontoados de palavras euphonicas ao avelhado véo de mysterios com que por ahí se enroupa o romance chamado da epocha. Filho legítimo da literatura *palpitante da actualidade*, chamam-lhe uns: outros dizem que não é nada, ou por muito favor — uma gymnastica de contorsões difficultosas de estylo, opulenta de pontinhos, e *ahs!* e *ohs!* Não subscrevemos a alguma das opiniões... »

E por aí fora, Camilo desdenha, naquele seu estylo rico e maleável, da literatura *palpitante de actualidade* de que o meio leitor andava cheio e, ao que parece, enfasiado. E lá vai apontando, adiante, o caminho a seguir. Explica que se o estylo é o homem, como dizem os que sabem, não lhe desaprovevem o recurso de emparelhar o saber dos velhos com o dos novos, arriscando esta *segunda opinião*: « Dizem que o escrever de hoje é dessorado de erudição, leviano, vaporoso, gymnastico, estridente, cabalístico, bafagem de brisa, balão aerostatico, fogo chinez, vicejante, ondulante, estrepitoso e abysmador! Não é tudo assim. » Apressa-se a explicar que, popularizada a literatura, era necessário despojá-la das alfaias graves e sinceras da ciência, trazê-la da profundeza da erudição à superfície das inteligências, — e quanto o Mestre trabalhou neste sentido! Veem, depois, os conselhos prudentes: para captar a benevolência da leitora, precisava-se da história de uns amores trágicos, urgentes e lamentosos. Para captar a benevolência do artista, cumpria aplicar-lhe a orbita do espirito apoucado, ostentando-lhe no molde do romance, a fórma real, augusta e humanitária da arte. O estylo, êsse devia ser exagerado como o pensamento: quimérico, híbrido e mentiroso como tôdas as teorias, criadas no cãos de tôdas as práticas...

Assim falava o Mestre, — com vinte e dois anos de idade... A hora da morte, não lhe repugnaria subscrever de novo estas opiniões, pois que elas o acompanharam sempre na subida do seu áspero e longínquo calvário. E já então, como hoje, havia necessidade de escrever desta guisa: « As capacidades mesquinhas incham com a adulação. Uma óde laudatória a um estúpido, vale um jantar. Uma solene dedicação da intelligência à matéria é uma das poucas vilezas bem pagas... »

O certo é que existia, porém, no dizer de Camilo, uma escola romântica, apodada de regeneradora. Não tinha academias. Era imensa, electrica e omnipotente. Ensinava a agradecer às turbas.

Romarias

Ao António Cruz

I

O' Senhora do Pilar,
Linda Senhora da festa:
Romaria p'ra dançar
Não há outra igual a esta.

II

Ra-ta-plán! Olha o tambôr
Que anda de mã catadura!
A pele é como o amor:
« Tanto bate até que fura »...

III

O' minha Virgem das Dôres
De olhos falsos de cristal!
Festa com tantos andores
Não há outra em Portugal.

IV

Escrevi ao meu amor
Numa rosa desfolhada,
P'ra êle saber a dôr
Da minh' alma amargurada.

V

O' Senhora das Malhadas,
Tôda cheia de cantigas!
Os meus versos são risadas
Nas bôcas das raparigas.

VI

Marca o tempo o velho sino
Na torre alta do Pilar.
— E as horas do meu destino
Não as posso eu contar...

MANUEL FILIPE

O Mestre, porém, esculpe a letras de oiro no limiar da sua obra que « não abriu matrícula, nem pede que o inscrevam ainda à custa de uma boa reputação de folhetinista ». Uma observação: hoje, em lugar de *folhetinista* escrever-se-ia *jornalista*. Prossegue: se a escola, em nome do século, do futuro e da humanidade, o interrogasse pela substância util da sua obra, não lhe daria resposta alguma. E foi assim que o Mestre venceu!

Aos 22 anos, como aos 40 anos, como à própria hora em que a cegueira o inutilizou, sempre foi andar, destemido, independente. Até na hora da morte teve a coragem de afastar a esposa para longe, — para que ela, a sua desventurada companheira de tôdas as horas, não presenciasse o único momento em que o Mestre se mostrou fraco: aquele segundo em que premiu o gatilho do revólver.

ANTÓNIO CRUZ

(1) Cartas de Camilo ao Visconde de Ouguela, publicadas por Teófilo Braga, na *Revista Portuguesa*, 1895.

(Continuará)



RUI CUNHA

Avançado-centro do grupo-de-honra da Associação Académica

(Separata do n.º 11 do COIMBRA,
jornal de estudantes da Universidade)